

REFLEXÕES A PARTIR DO CONGRESSO ANDA 2025: CORPO, TERRITÓRIO E PESQUISA

PRISCILA COUTO DOS SANTOS¹; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS²;
MARCO AURELIO DA CRUZ SOUZA³

¹*Universidade Federal de Pelotas – csantos.priscila23@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – thiago.amorim@ufpel.edu.br*

³*Universidade Federal de Pelotas – marcoaurelio.souzamarco@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo é resultante de uma ação de pesquisa integrada entre dois projetos unificados com ênfase em pesquisa e extensão respectivamente, da Universidade Federal de Pelotas, que são o projeto “Manifestações Populares Tradicionais Não-Hegemônicas do e no Rio Grande do Sul: segunda fase de estudos” e o projeto Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPel. Tais projetos estão vinculados ao Grupo de Pesquisa OMEGA - Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte (UFPel/CNPq).

O foco do estudo é tecer reflexões sobre a participação de uma bolsista do Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPel no VIII Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA), que é um evento acadêmico muito importante para a área no Brasil. O evento surgiu com o propósito de fomentar a troca entre artistas, pesquisadores e estudantes, promovendo o fortalecimento da produção de conhecimento em dança em suas diversas dimensões — teóricas, práticas, pedagógicas, ética, políticas entre outras. Esta edição, realizada de 08 a 12 de Julho de 2025 em Belo Horizonte, na UFMG, o evento reafirmou sua importância como espaço de encontro e circulação de saberes, dando sequência ao ano anterior tendo como tema: COMEÇO, MEIO E COMEÇO - ANCESTRALIDADE E COSMOTECNICAS. Este relato tem como objetivo compartilhar um pouco da experiência vivida durante o VIII ANDA, destacando as trocas, reflexões e aprendizados que atravessaram minha participação no congresso.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho, a metodologia utilizada é narrativa autoetnográfica de Dantas, que diz que:

A autoetnografia vem se consolidando como uma escrita de si, que permite o ir e vir entre as experiências pessoais e as dimensões culturais, buscando reconhecer, questionar e interpretar as próprias estruturas e políticas do eu. Uma parte significativa dos artistas/pesquisadores procede à colheita de informações sobre sua própria trajetória e processo de criação, procedimento que se assemelha a uma colheita de dados autoetnográficos. Nesse caso, o pesquisador utiliza essas informações para produzir conhecimentos intrínsecos à prática artística.(Dantas, 2016, p. 153)

A partir da participação da bolsista no VIII Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA), buscamos compartilhar vivências e reflexões

que a marcaram, conectando o que viveu naquele espaço com o seu percurso na dança e na atividade de pesquisa. Escrever sobre estes atravessamentos é falar sobre o que a bolsista sentiu, aprendeu e refletiu durante este evento que reverbera até hoje. É também uma maneira de entender como a estudante vem se constituindo enquanto professora, artista e pesquisadora.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participar do VIII Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança foi, para a estudante, em suas palavras “tanto uma realização pessoal quanto profissional”. Como estudante universitária de um curso de licenciatura em dança, e também como dançarina, ela diz que jamais imaginou que ingressaria nessa formação, especialmente por conta das exigências de seu cotidiano como mãe trabalhadora e das responsabilidades impostas pelo sistema. Estudar, pesquisar e se dedicar à arte exige tempo, energia e, acima de tudo, entrega.

Por isso, aos 41 anos, estar cursando uma licenciatura em dança – a arte que lhe move desde os 13 – é algo profundamente significativo para a bolsista. “É desafiador, mas também transformador” diz a estudante que sente que é um verdadeiro pulsar de vida.

Ela sinaliza que no primeiro contato com a programação do congresso, percebeu o quanto que os diversos temas discutidos no evento lhe atravessavam diariamente. Neste sentido, viver o congresso da ANDA, poder enxergar um número significativo de pesquisadores e pesquisadoras Negros(as) nesse espaço formativo e dialogar com eles foi extremamente potente, não só como artista, mas também uma mulher pesquisadora do Sul do país, com um olhar que parte de vivências específicas, marcadas por território, raça e corpo.

O congresso estava organizado por palestras de abertura e encerramento, mesas redondas, oficinas, mostra artística e apresentações orais e banners em Comitês Temáticos (CT). Era um total de 11 comitês, e a bolsista e seus professores apresentaram seus trabalhos no CT no Dança e(m) Cultura: poéticas populares, tradicionais, folclóricas, étnicas e outros atravessamentos. Jesus, Souza, Macara (2020) dizem que muitos foram os desafios e contribuições deste CT na produção e difusão do conhecimento. Sobre este, os idealizadores enfatizam que:

Entendendo a importância de (re)conhecer e valorizar os saberes-fazeres provenientes dos contextos associados e atravessados pelas culturas populares, o Comitê configura-se como um espaço em construção que reivindica a visibilidade da produção de conhecimento que nasce na oralidade, na experiência, na geracionalidade, nas diferentes abordagens tradicionais e ancestralidades que nos antecedem e que se tornam tema de interesse para a investigação científica, mas que deve render os devidos méritos e agradecimentos aos seus sabedores-fazedores das comunidades originais. (Jesus, Souza, Macara, 2020, p. 23)

Desde o início, o Comitê tem se dedicado a respeitar as principais características do folclore e das culturas populares. Entre elas, destacam-se o trabalho em grupo, a circularidade, a relação entre teoria e prática, a valorização dos mestres e mestras populares e o reconhecimento dos conhecimentos e práticas que nascem da vivência das comunidades, entre outros aspectos

importantes para a área. Durante o VIII Congresso, o Comitê contou com a apresentação de 26 trabalhos e 4 posters impressos, que evidenciaram a diversidade cultural de nosso país. Além disso, várias experiências práticas foram compartilhadas a partir das apresentações orais, fortalecendo o vínculo entre os saberes acadêmicos e os saberes populares.

Duas características que foram para a bolsista marcantes em sua participação nesse Comitê, para além da experiência de participar das práticas e reflexões em cada trabalho, foram: a construção do estandarte e o cortejo de encerramento. Para confeccionar o estandarte, cada participante levou um elemento, objeto com o qual se identifica ou que tenha relação com seu território, e, ao longo das atividades do CT, ele vai sendo construído aos poucos de forma coletiva.



Figura 1 - Estandarte sendo construído pelo coletivo do CT.

O mesmo acontece com o cortejo: os pesquisadores partem do espaço de trabalho do CT e ocupam os espaços da Universidade Federal de Minas Gerais, guiados — neste ano — pelo boi, em um momento cheio de afeto, simbolismo e resistência, como é característica da própria cultura popular.



Figura 2 - Estandarte e figurino do boi

A vivência no comitê também possibilitou a bolsista (mulher negra) a transitar pelo comitê Dança e Diáspora Negra, que também dialoga com suas vivências. Neste comitê ela também foi atravessada por múltiplas camadas de escuta, troca e afetação. Além das trocas acadêmicas, a oficina conduzida por Evandro Passos, intitulada *A dança afro de Mercedes Baptista e Marlene Silva*, foi um momento de profunda conexão com saberes corporais que resistem ao apagamento histórico. Através da corporeidade proposta por Evandro, foi possível acessar não apenas técnicas, mas histórias de luta e afirmação identitária que habitam os gestos e os ritmos herdados de mulheres negras que marcaram a história da dança no Brasil.

Fechando o evento com potência, a conferência de encerramento ministrada por Maria Aparecida Moura, *Começo, meio e começo: ancestralidade e cosmotécnicas*, trouxe provocações profundas sobre os modos de existir, criar e pesquisar a partir de epistemologias não hegemônicas. Suas palavras ecoaram como um chamado para rever as formas de produzir conhecimento, convocando-nos a adotar uma postura ética e sensível diante das ancestralidades que nos constituem — em confluência com os ensinamentos de Nego Bispo, que nos movem em direção a um compartilhamento coletivo pautado pelo respeito mútuo.

4. CONCLUSÕES

A participação no VII Congresso de Pesquisadores em Dança (ANDA), apresentando trabalho no comitê *Dança e(m) Cultura: poéticas populares, tradicionais, folclóricas, étnicas e outros atravessamentos* foi uma experiência profundamente significativa para a trajetória acadêmica e artística da estudante. O espaço proporcionou um ambiente fértil para trocas potentes, em que saberes tradicionais e contemporâneos se encontram de forma crítica, respeitosa e provocadora.

Ao transitar por diferentes atividades e dialogar com pesquisadores e artistas de diversas regiões e contextos do Brasil, ela pode ampliar a sua escuta e refletir sobre os atravessamentos culturais que constituem a dança como campo de conhecimento plural. A apresentação do seu trabalho junto com seus professores não apenas abriu espaço para compartilhar suas investigações, como também lhe permitiu receber contribuições valiosas que certamente reverberarão em suas futuras produções artísticas e acadêmicas.

Finalizamos essa vivência com a certeza de que congressos como o ANDA são fundamentais para fortalecer redes de afeto, pesquisa e resistência dentro da área da dança, especialmente em tempos em que valorizar as poéticas populares e os saberes não-hegemônicos se faz urgente. A bolsista segue motivada a continuar investigando, criando e dialogando a partir das experiências compartilhadas nesse encontro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANTAS, Mônica Fagundes. Ancoradas no corpo, ancoradas na experiência: etnografia, autoetnografia e estudos em dança. *Urdimento*, v.2, n.27, p.168-183, Dezembro 2016.

Jesus, Souza, Macara (2020) Comitê Dança e(m) Cultura: poéticas populares, tradicionais, folclóricas, étnicas e outros atravessamentos - desafios e contribuições na produção e difusão do conhecimento. p.23